

Uma carta para o vovô

Adaptação do conto “Vanka”, de Anton Tchekhov

Vanka, um menino de nove anos que trabalhava como aprendiz na oficina de um fabricante de sapatos em Moscou, não foi dormir à hora do costume naquela véspera de Natal. Esperou que o patrão, a patroa e os empregados saíssem para a igreja e, quando se viu só, tirou do armário um potinho de tinta e uma caneta de pena enferrujada. Em seguida, ajoelhado ao pé de um banco improvisado em mesa, deu um suspiro de cortar o coração, desdobrou uma folha amarrotada de papel e se dispôs a escrever:

“Querido vovô, desejo a você um feliz Natal e todas as felicidades. Não tenho papai nem mamãe, você é tudo que me resta no mundo.”

Vanka lançou um olhar à vidraça da janela onde brilhava o reflexo da vela, e na sua mente se desenhou nitidamente a figura do avô, vigia noturno de uma grande propriedade na aldeia onde nascera o menino. Era um velho de sessenta e cinco anos, baixo, magro, de uma vivacidade fora do comum, com um constante sorriso nos olhinhos astutos. Durante o dia deixava-se ficar na cozinha, dormindo ou caçoando com as criadas. De noite, metido num amplo capote de pele de carneiro e acompanhado por seus dois cães, rondava as terras do patrão.

Na certa, àquela hora o avô estaria no portão, piscando os olhos para os janelões brilhantemente iluminados da igreja da aldeia e batendo com os pés calçados em botas de feltro, para espantar o frio. O tempo devia estar uma beleza, limpo e glacial, sem uma brisa. Era lua nova, a noite devia estar escura e a aldeia iluminada pelos lampiões estaria visível, com os seus telhados, as chaminés fumegantes, as árvores prateadas pela geada, a neve amontoada pelo vento. O céu devia estar cintilando, e as estrelas estariam tão claras como se tivessem sido polidas especialmente para as festas de Natal...

Vanka deu um suspiro, mergulhou a pena na tinta e continuou a escrever:

“A noite passada levei uma surra, o patrão me arrastou pelos cabelos para fora de casa e me bateu com uma correia, só porque eu peguei no sono quando estava balançando o berço do bebê. Esta semana a patroa me mandou escamar um arenque e como eu comecei pela cauda, ela foi e esfregou a cabeça do arenque na minha cara. Os ajudantes do patrão vivem me atormentando, me mandam comprar vodka, me obrigam a furtar pepinos

do patrão e depois o patrão me surra com o que tem à mão. Quase não vejo comida, de manhã é pão, no almoço papa de aveia, no jantar pão outra vez, pois chá e sopa de couve é só para os patrões. Me botam pra dormir no corredor e, quando o bebê chora de noite, eu tenho de ficar balançando o berço e não durmo nada. Querido Vovô, pelo amor de Deus me tire daqui, me tire daqui senão eu morro...”

Vanka esfregou os olhos com a mãozinha suja e soluçou.

“Eu preparo o cachimbo pra você, rezo por você e, se eu não andar direito, pode me bater à vontade. Eu peço ao administrador pelo amor de Deus que me ponha pra limpar as botas ou lavar as estrebarias. E, quando eu for homem, hei de cuidar de você, não deixo que ninguém bula com você, e quando você morrer, rezo por você como faço pela mamãe. Meu querido Vovô, quando os seus patrões armarem aí a árvore de Natal, tire uma noz dourada pra mim e guarde na minha caixinha verde. Meu querido Vovô, não aguento mais aqui, eu morro... Tenho vontade de fugir para a nossa aldeia, mas não tenho botinas e meus pés haveriam de ficar gelados andando de tamanco na neve.

Vanka suspirou novamente, suspirou doído, e de novo fitou os olhos na janela. Recordou que o avô era quem ia todos os anos cortar na floresta a árvore de Natal, e levava sempre o neto. Bom tempo aquele! Os pinheirinhos, cobertos de geada, esperavam imóveis: qual deles iria virar árvore de Natal? Cortada a árvore, o avô arrastava-a para a casa do patrão e ali então principiavam a enfeitá-la. Olga, a filha da patroa, moça e bonita, grande amiga de Vanka, era quem mais se despachava. Quando a mãe de Vanka era viva e trabalhava como arrumadeira, Olga empanturrava-o de bombons e ensinava-o a ler, escrever, contar até cem e mesmo a dançar quadrilha. Depois da morte da mãe, Vanka foi mandado como aprendiz para a casa do fabricante de sapatos, em Moscou.

“Venha depressa, meu querido vovô! Peço por amor de Deus, me tire daqui. Tenha compaixão de um pobre órfão, pois aqui todos me batem, passo fome, uma fome terrível, e vivo tão triste que choro o tempo todo. Outro dia o patrão me bateu na cabeça com uma forma de madeira; caí no chão e não sei como não morri. Minha vida é uma desgraça, pior que de cachorro... Lembranças a Olga, ao Caolho, ao cocheiro, e olhe, não empreste a minha sanfona a ninguém. Do neto que lhe quer muito bem, Ivan Jukov, querido vovô, por favor venha me buscar.”

Vanka dobrou a folha de papel em quatro, meteu-a no envelope, comprado por um copeque na noite anterior, depois refletiu um pouco, mergulhou a pena na tinta e escreveu



o endereço: “A meu avô, na aldeia.” Satisfeito de ter podido escrever a sua carta, enfiou o gorro na cabeça e correu para a rua.

O açougueiro lhe tinha dito que as cartas se punham nas caixas de coleta, donde depois eram enviadas para toda parte. Vanka correu à caixa de coleta mais próxima e introduziu na fenda a preciosa carta. O açougueiro só não tinha ensinado ao menino como preencher o endereço no envelope e nem que é preciso selar as cartas. E, como Vanka não sabia de nada disso, estava feliz, muito feliz!

Uma hora depois, embalado pela esperança, dormia a sono solto. Em sonho, via o fogão, junto ao fogão o avô sentado, de pés descalços e pernas pendentes, lendo a carta em voz alta e dizendo às criadas que no dia seguinte iria a Moscou buscar seu neto querido...